



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

20 DE JUNHO DE 1964
ANO XXI — N.º 529 — Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Um pedido

ELE não é um... são muitos!

É o caso que o Américo está a um mês do seu embarque para Benguela. Américo e Olímpia, já se vê! E com eles seguem para Malanje o Manuel Chancudo, e os nossos dois pedreiros. É já na próxima viagem do «Quanza»!

Américo não me deixa com as suas necessidades. Aliás, para ser verdadeiro e dar a todos a alegria que eu sinto, as necessidades que ele me apresenta só são suas porque nossas. Eles nada têm de privado. Neste aspecto, eles estão tão desprovidos que nada têm senão a sua roupa de vestir e as prendas que receberam no seu casamento. Perguntei-lhes há dias por mó-bília... «Ah! Isso arranja-se por lá»!

Não são, pois, as suas próprias coisas, o que os está inquietando, mas certas necessidades comunitárias.

Aqui vão elas:

Malas — Não as temos capazes de levarem mais um enxovalzito com que queremos acrescentar o bragal levado em Novembro último. Delas de porão; delas de mão — todas fazem jeito. Importa que não estejam tão velhas que se desfaçam pelo caminho!

Um gravador — Olá!! Pois não é Américo o Director cénico cá em Casa com pergaminhos bem merecidos? Por isso ele não se esquece da conveniência vital de um gravador na preparação e realização das Festas. Um gravador, pois, não esquecer!

Américo anda a tirar a carta... mas — descansem! — não pede nenhum automóvel.

O que ele anda a tirar, também, é a carta de barbeiro, que os cortes de cabelo em África custam os olhos da cara. Escusado será dizer que precisa de toda a ferramenta indispensável numa barbearia.

Uma bicicleta de Senhora — Isto não é Américo quem pede; sou eu. Sou eu, para saldar uma dívida. É que prometi à D. Rosa. E agora não é só D. Rosa; é também a Olímpia.

Em Benguela os caminhos são horizontais. Todo o mundo anda de bicicleta. Às vezes é preciso as Senhoras irem a um recado que só elas... — e lá tem P.e Manuel que as aturar. Assim, proclamariam a independência de transportes — e tudo se resolvia sem dificuldades!

Trata-se, pois, de uma bicicleta de senhora! Se fôr motorizada, ninguém levará a mal!!

Máquinas Fotográficas — Duas! São só duas! Uma para Malanje; outra para Benguela. Não é preciso serem a última palavra em precisão. Mas também não convém nenhum modelo de museu.

Esta necessidade das máquinas fotográficas é sobretudo vossa. Pois não gostareis todos vós, leitores, de ir acompanhando cá de longe, tanto quanto é possível, o crescer das duas novas Casas do Gaiato? E como, sem fotografias?...

Diversos — Todas aquelas coisas que nunca são demais numa Casa de Família e, ainda mais, a começar!

Tachos e panelas grandes, copos de alumínio, talheres...

O que se pede é urgência no ar da vossa graça, que é tempo de começar as embalagens.

Muito obrigado pelas coisas que vão vir e por me libertarem da carpideira do Américo.



HÁ em todo o homem, poisado esteja ele em que condições for, enorme capacidade de realização. Na maioria deles, porém, esta atrofia-se, ou nem sequer se desenvolve, por não haver quem a ponha em acção. É o caso do pobre das serras que fica iletrado por não haver ali condições de aprendizagem. É a sorte do vadio, que se corrompe, por não encontrar quem o encaminhe e guarde na valorização de si mesmo. É também o caso do pobre inválido a quem ninguém deita mão a erguê-lo e fica caído nas ruas, tantas vezes a pedir, a mendigar. — Será que o mundo aprecia a existência dos pedintes? Talvez. Eles são uma ocasião estupenda para o mesmo

mundo mostrar que possui bens e ostentar vaidosamente a sua caridade... falsa. Talvez o mundo não deseje que eles saiam das ruas...

Ora, por nunca se ter elaborado uma estrutura social onde caiba o inválido pobre, de todos os matizes, tanto em pobreza como em invalidez, nasceu entre nós o profissionalismo da mendicidade, em que abunda a ostentação de misérias físicas, como argumento irrefutável à solicitação dos outros. E se cairmos na conta do que isto representa, temos matéria para vergonha. E somos até dos alfores onde mais viceja esta profissão. É pena. Porque somos capazes de debelar tantos males e ainda não fomos capazes de dar cabo deste.

Mas não é o aspecto negativo do problema que quero trazer para aqui. É que ele há valores, inexplorados tantas vezes, no seio da invalidez! O inválido guarda em si imensa riqueza que uma vez posta em acção, seria um bem para ele e para os mais. Há nele sempre algo que pode operar e render. O invisual, o surdo, o paráltico de qualquer membro, o mutilado em qualquer parte de si mesmo, tem sempre um pedaço que pode ser solicitado a agir, a valorizar-lhe a própria existência.

E, se a ciência é posta ao serviço destes, então muito mais se poderá obter! O nosso Zézito, sem mãos, acaba de ser operado em Lisboa. Foi tudo fácil, como havia de ser sem-

Cantinho de MALANJE

Por Padre Telmo

Corpo de Deus:
Na manhã clara, os nativos foram chegando. Fizeram, juntamente com os gaiatos, um carreiro de verdura nas picadas poeirentas da nossa quinta — por onde passaria O Senhor.



O Marcelino, o António Manuel — e o ar gaiato do «Alijó»!

E o Senhor passou... Sem esplendor, — só dois nativos do lado com duas velas apagadas pelo vento — O Seu Corpo vivo e presente.

«Donde nos vem tamanha honra? — disse eu baixinho.

Talvez a piedade simples dos que TE acompanham? Os ventres dilatados das crianças? Aquele irmão indígena que ali vai sem camisa? Aqueloutro com os calções rotos? Ou a beleza dos nossos campos? Ou a nossa futura aldeia?

A nossa futura aldeia...

Já pensaste que uma centena de rapazes espera... e, instintivamente, estende os braços aos lençóis lavados, prato cheio e à possibilidade de se realizarem como homens? TU sabes. E sabes que há centenas deles abandonados — nesta Angola.

Continua na SEGUNDA página

Cont. na TERCEIRA página

Do que nós necessitamos

Já lá vão umas quinzenas em que esta coluna não aparece aos olhos dos nossos leitores. Não é por falta de material, mas o jornal é pequeno e há que aproveitar bem o seu espaço para que as notícias de toda a nossa Obra saiam a lume.

Ora como esta local é de donativos e tudo o mais que até nós chega, e muito é, graças a Deus, vamos anotar resumidamente o que a vossa generosidade nos trouxe.

De E. D. M., 3 vezes 20\$00. Celorico de Basto com 100\$00. Igual quantia da ass. 21238. De Martingança, 20\$00. Alcobaca com 70\$00. Do ass. 29648, 100\$00 de abono de família, pelo primeiro. Lisboa-1 com 100\$00. De M. L., 50\$00. De África do Sul, 5 libras. Pessoal da Mobil com 101\$50. Um nome estrangeiro e um cheque de 500\$00, de Matosinhos. Nesta altura, é um ror de excursões escolares. Algumas, além do carinho com que nos visitam, ainda deixam suas migalhas. Da Escola Masculina n.º 31 — Bairro Salazar — Porto, 200\$00. Mais um donativo da Escola Primária n.º 2 e seus Professores, do Bonfim.

E o Sr. Manuel da R. da Corticeira, não falta nunca, assim Deus lhe dê saúde e trabalho. 20\$00 dum primeiro ordenado dum professora, da Covilhã. Anónima com 120\$00. De Ana Maria, 50\$00. Guimarães com 100\$00. De «Uma esposa e mãe agradecida», 20\$. Mais 100\$00 do Porto. 150\$50, «oferta feita de pequenos sacrificios das crianças das Escolas de Ramada — Burgães — Santo Tirso». E da R. da Madalena, as presenças silenciosas de todos os meses. Acrecimento de 20\$00 da comemoração das Bodas de Ouro do Curso da Escola Normal do Porto, de 1914.

10\$00 em selos de Lisboa. M. H. com 50\$00. Da visita que nos fizeram, a União dos Tarecidos do Porto deixaram 67\$50. Do Porto, 20\$00. Santa Cruz da Trapa com 250\$00. Do ass. 29781, 370\$00. Da R. do Loreto, 100\$00. Por intermédio da sempre amiga Ideal Rádio, 457\$50. Gondomar com 50\$00. Da «Amiga da Obra», duas presenças de 500\$00 e 200\$00. De homenagem ao Desembargador Abel de Campos, entregaram-nos 1.122\$00.

Mais, António, presente por 2 meses. De «Uma amargurada por o dia 22», três vezes 50\$. De Luisa, 20\$, «Para chegar a tantos, com tão pouco...» Ass. 6433, 150\$. Oliveira de Azemeis com 200\$. Ao Casal R. D. diremos que pode enviar tudo o que quiser, o que muito agradecemos. Serafim Augusto com 100\$00. Mais 20\$ de M. V. C.. Os 75\$ em selos de todos os meses. Tomar com 50\$. Vila do Conde com 20\$.

De uma assinante de Bruxelas, 50\$. Muitas lembranças de Páscoa Feliz e seus donativos para as amendoas.

Dos empregados da Livraria Internacional e pelas intenções de D. Adelina Carminda Ferreira 157\$50. De Algés, assinante 29388, 50\$. Castelo Branco com 500\$00, resultado dum promoção. Mais 60\$ do Porto. E muitas promessas e graças obtidas com 20\$, 100\$, 100\$, 70\$, 20\$, 100\$, 100\$, 50\$, 1.000\$, 400\$, 500\$, 1.000\$, 40\$, 250\$ e 500\$. E uma anónima da A. P. T. do Porto, com 374\$ referentes a metade da diferença do aumento de ordenado.

Roupas de Lisboa, Bombaral, Porto, Torres Novas, Braga, Coimbra e Lisboa. Uma peça de pano de lençol da ass. 24018, que foi direitinha prã rouparia, e que bom! Roupa muito boa de Moimenta da Beira. E muitas malhas, camisas, camisetas, peúgas e muito mais. Uma consoladela de coisas boas para cá e Calvário, da firma Vieira Moreira & C., do Porto. Ah! bons amigos, se soubessem da satisfação nossa e do Senhor Padre Carlos, ao abrir a encomenda!... Como ficou contente!!

Uma Mãe de Oeiras com 150\$. Do Sanatório de Celas, 20\$. Caxias com 50\$. Da nossa Avó de Leiria, 150\$. Odivelas presente com 50\$. «Para ajuda da compra da panela (pedido feito através do nosso jornal), 100\$ dos Funcionários da Secretaria da E C F do Porto». 500\$ do Porto. Ass. 7493 com 500\$. Soure como sempre muito caladinho, cá vai com os 20\$ habituais. De Fernanda e Domingos, 100\$ em comemoração das suas Bodas de Prata. Que o Senhor lhes permita lembrarem-se de nós, nas de ouro. Mais uma visitante com parte do seu primeiro ordenado, 500\$. Maria Helena da ISOLA, aparece amiúde. Vários donativos entregues no Lar do Porto.

Da Soja de Portugal, L.da um saco de 50 quilos de farinha para aves. «Duma Lamecense ausente em África e saudosa de visitar a nossa Casa, 350 angolares». Venha minha senhora, «nós somos a porta aberta», e com muita alegria recebemos quem nos visita. Maceira - Liz com 400\$, provenientes das economias de uma dona de casa. Um seminarista do Seminário Maior do Porto, 50\$00. Da Fidelidade, 100\$00. Mais da Invieta, 254\$. Uma criada de servir, reparte connosco e sua mãe, o seu magro salário. 330\$ «Por duas graças que Deus me deu, vos dou este pequenino óbulo. Rezai por mim. Linda Pastora». Por vós, levantamos as mãos ao Senhor, várias vezes ao dia.

De «Um Casal nosso amigo».

Continua na QUARTA página

Cantinho de Malanje

Cont. da PRIMEIRA página outros vão acudir.

Gostas do local, Senhor?

Abençoa tudo.

...O Senhor passou!

Ainda a doce e grandiosa impressão perdura no ar!

A tarde vai descendo tão calma e serena!

É Tua, Senhor, a bola do sol, em fogueira rubra, sumindo-se devagarinho na copa recortada das nossas gravílias...

A nossa gratidão.

Sentimos a Tua presença viva — a encher os nossos passos de grandes certezas.

Cada dia sua necessidade: um irmão que sofre; a nossa mão estendida.

Cada necessidade, uma ocasião de nos realizarmos, plenamente, como membros do mesmo Corpo. Quando um membro sofre, os

Quero apresentar-lhes os nossos irmãos leprosos, que costumamos visitar, na aldeia deles, na encosta dum bela montanha, perto da cidade de Salazar.

Vivem em casinhas de tijolo, têm capela e uma bica de água. Isto consola-nos, mas não basta. Todos os dias comem e se vestem. Vivem pobremente. Alguns já não podem trabalhar: O Fernando, a quem a lepra comeu os olhos; o Sebastião, com os seus pés monstros; e outros, sem dedos.

Já temos alguns amigos que nos ajudam. Precisamos mais bons amigos dos nossos leprosos.

PADRE TELMO

Visado pela

Comissão de Censura



VISTAS DE DENTRO

Quim Carpinteiro: O Quim chegou, finalmente, depois de dois anos e meio no Ultramar. Regressou o Quim, aquele de que todos nós gostamos e de quem tivemos saudades.

A manifestar o nosso contentamento os mais velhos promoveram-lhe uma festazinha de homenagem que ele bem merecia, e em que houve de tudo um pouco a dizer-lhe o que nos ia no íntimo. Casará em breve e ficará servindo. Que o Senhor lhe dê alento na sua generosidade.

BOLAS — Os nossos moços que foram à Queima das Fitas vieram bem fornecidos de bolas e nos dias que se seguiram a 8 de Maio era bolas por todo o lado, no campo, em casa, nas escolas, enfim — e lá se iam os vidros.

Sr. P.e Carlos num fim de terço chamou todas os donos de bolas e todas estão hoje no escritório e foram nomeados 4 piquetes para se darem 3 bolas por dia aos grupos formados. Piquetes de bolas: Sr. P.e Carlos, Sr. P.e José Maria, Vasco e Bernardino.

Toda a gente tem tarefa cá em casa!

FRANKLIM — Está no nosso Lar do Porto e é moço da lim-

peza. É baixo e gordo mas é avesso à gordura e sofre por ser assim. Um dia pergunta ele à senhora do Lar o que havia de fazer para emagrecer. Diz a senhora: «Come menos e anda mais, porque todos os dias que vais ao Bolhão (mercado da cidade) ficas lá um ano e nunca mais te despachas. Se fores vieres depressa vais ver que ficas mais elegante».

Franklin bem cumpriu a receita, chegando a suar nas chegadas do Bolhão, mas ao ver-se ao espelho nota com mágoa que continua gordo e bolachudo!

FERNANDO — Sousa Santos, ou «Girafa», é a mesma coisa. Bom rapaz, sempre risonho, é um alegre. Em pequeno, quando pelo Ano Novo ia a casa, apareceu-nos na oficina com um barão e um boneco de papel nas mãos a brincar e todo ele se divertia com o palhaço — «Olhe, senhor Emídio, que bonito!

— Bonito isso? Não tem graça nenhuma.

— Olhe que só custou 17\$50.

— O quê?! Fostes levado homem. E foi um gozar o pobre do Girafa que nesse tempo teria uns 16 anos. O tempo passou, foi para a Marinha combater na Guiné e regressou e traz uma

enorme mala e entra com ela pela oficina dentro.

«Trago prendas para todos e boas». Todos se acercam da mala e qual não é o nosso espanto quando dá a cada um bonéquinho igual ao dos 17\$50 de há anos. Muito obrigado Fernandinho. És uma categoria; és um anjo. Todos agradeciam mas, por dentro, sem grande entusiasmo. Pior é que a prenda melhor era uma estatueta de girafa que a não dava a ninguém e que por fim desapareceu.

Ficou aborrecido, mas a girafa sumiu-se. Passado tempo regressou ao quartel e, entretanto, fomos descobrir que o «Tira-Olhos» tinha sido o ousado brincalhão. Pois, caro Fernando, eu tenho a girafa em meu poder, mas só a dou em troca dum prenda que não seja o macaco de fazer ginástica, de 17\$50.

JORNAL — Vim escrever à administração estas «vistas». É um mundo. São perto de 20 a dobrar o jornal prós assinantes. Uns cantam, outros falam, outros fazem barulho. Avelino ralha; enfim, uma balbúrdia! Quem cá entra mal pode aturar esta barulheira, mas por fim o trabalho aparece feito e eles vão fazer barulho para outro lado. É a Casa do Gaiato.

Américo dos Santos



Cantinho DOS RAPAZES

«Dai-vos e dar-se-vos-à». — Foi assim que em singelas mas expressivas palavras o Américo falou quando do regresso do Quim.

Ele esteve cerca de três anos em terras de África, mas antes de ir deu-se, deu-se de corpo e alma à Obra, ainda estando cá; continuou a dar o seu coração nas suas cartas vibrantes de amor. Por isso ele é amado. É a recompensa.

No dia do seu regresso todos o abraçaram. Ele via em todos os olhos alegria e amor, mas nos meus, embora houvesse alegria, o meu rosto mostrava dor. Por isso perguntou.

— Que tens? Andas triste?
E eu, num sorriso onde a tristeza estava mais visível do que nunca, disse que não, era nada.

Eu sofri e sofro porque não dei, e por isso não tenho o direito de pedir.

Dai-vos e na medida em que vos derdes sereis querido e amado. Foi assim Pai Américo. Querido e amado é todo aquele que se der.

Espero que a alegria da vinda do Quim perdure no coração de todos vós, especialmente no coração do chefe de família; e se porventura algum filho puder ocupar no coração de um pai o lugar vazio deixado por outro, espero que essa alegria suporte esse lugar onde só, certamente, existe dor. Porque amou e não foi amado nem compreendido.

Mas eu não tenho direito a que essa dor exista, que tão pouco haja um lugar para mim nesse coração de pai, porque não soube ser bom filho.

Que a alegria da presença do Quim e outros o façam esquecer-me.

Eu não servi. A Obra precisou de mim e eu não servi.

É impossível servir a dois senhores ao mesmo tempo. Ou servimos a Obra ou servimos os nossos interesses e as nossas ilusões.

A Obra é de rapazes e para rapazes, e todo aquele que se der deverá servi-la cegamente.

sem olhar aos seus interesses e de maneira alguma sobrepôr esses interesses aos da comunidade.

«Deixai todos os vossos bens e segui-ME».

Foi assim que o Senhor disse. Foi assim que Pai Américo fez. Foi assim que os nossos Padres fizeram e alguns dos nossos rapazes. Abandonaram tudo e seguem-NO, amando e dando-se desinteressadamente aos outros.

E todo aquele que fica na obra, para SERVIR, se assim não proceder, não serve — SERVE-SE. Mesmo que pense poder servir a Obra e o seu EU ao mesmo tempo!... Engana-se.

E se ficar, à medida que o tempo passa, naturalmente vai construindo um muro, que o separa dos outros, desses outros por quem ele mesmo quis ficar para amar.

E onde se vê separação, não se vê amor. É o desengano.

E isto, porque é impossível servir-se realmente dois senhores, ao mesmo tempo.

Foi por isso que não servi.

É hora da partida. Espero que todos vós, olhando para as fraquezas humanas de que somos feitos, possamos compreender porque, quando chamaram por mim, eu não tive força para responder — Presente.

Um abraço do

XICO BESSA.

Nota da Redacção: Este Cantinho encontrei-o na pasta da secretária de Pai Américo, devia o Xico estar poitando no Rio de Janeiro.

★ BELEM ★

«Que é feito de vós? Belém desapareceu das colunas de «O Gaiato» há tanto, que eu já nem me lembro de ver notícias daí...»

Certamente todos os nossos Amigos prontamente farão suas estas palavras interrogativas e admirativas do Senhor Padre Carlos.

A todos respondo que estamos vivas e de saúde, graças a Deus!

As ocupações é que têm sido tantas e tão variadas que a escrita ficou posta de lado.

Em Belém há actividade de colmeia. E as abelhas, porque muito trabalham, pouco barulho fazem. Mas elas lá se vão governando sós, ao passo que a nós é indispensável a assistência dos Benfeitores.

Ora, em consequência do nosso silêncio, muitos deles vão-nos esquecendo.

«Quem não é visto não é lembrado». Pelo que se está a verificar, depois que mudámos para mais longe da cida-

de, o ditado fica bem aplicado a Viseu.

Para os de fora... «Quem não é lido não é lembrado...» Mas graças a Deus que há excepções e o Pai do Céu não nos tem abandonado. Ele bem sabe a luta que por cá vai e também do limite da nossa resistência. Estou certa que pagará cem por um a quem, apesar de tudo, não nos tem esquecido.

Em resumo. Depois de um ano de adaptação à nossa casa e novas condições de vida as Belenitas começaram a sair ao terreno, quero dizer, à quinta, mas agora para o trabalho.

Tomaram à sua conta os porcos, os coelhos, as galinhas.

Fazem os seus treinos nas sachas, nas mondas e até na caça aos escaravelhos e noutros trabalhos leves. De maneira que, não queiram saber a revolução que por cá vai...

Alterações na vida das alterações na vida da quinta e, consequentemente, na vida da casa.

Eu gasto-me pela quinta não as posso largar, por causa da sua tenra idade, porque não sabiam nada de nada por vários outros motivos que devem calcular.

Concluindo: assunto para o jornal, aos montes; tempo para escrever, nenhum.

Vamos a ver se encontramos carril onde possamos fazer girar este complicadíssimo combóio sem grandes descarrilamentos.

Deus nos ajude e a vós também.

Contamos, no próximo número, responder a várias cartas de Benfeitores e dar conta do que temos recebido, na costumada nota de presenças. Bem hajam.

Inês — Belém
Vildemoinhos — Viseu

O Prior nada aceitou e ainda não deu mil escudos, dizendo que o Senhor o ajudaria nas suas reais necessidades e aflições. Na quinta-feira seguinte a resposta estava dada: Tinha em seu poder um cheque de cem contos, precisamente ao partir para o local onde deveria justificar com fundos as mãos, mas inexistentes, a construção de obra de grande alcance e necessidade para a Paróquia.

Relatamos isto para fortalecer a tua fé e para conhecimento de quem temem ou duvidam. Os lírios do campo e as avezinhas do céu são faladas no Evangelho, não parecendo que o fossem com simples figuras de retórica. Não achas?

Padre Lu

CALVÁRIO

Cont. da PRIMEIRA página

pre. Nem papeis, nem burocracia. Apenas amizade. E o amor do cirurgião fez o Zézito pegar na caneta para ele escrever.

Mas mesmo que a ciência nada possa contribuir, neste pequeno mundo do Calvário, constatamos que todo o homem possui sempre algo que poderá render. A Dulce, sofrendo de miopatia grave, que lhe não permite deslocação a não ser em cadeira de rodas, mais a senhora Virgínia, da Madéira, que se desloca também só por idêntico processo, propuseram-se lavar o rosto de todas as demais doentes do pavilhão em que habitam. Mais: fazem-lhes as camas. Isto leva o seu tempo. Requer paciência. Mas transborda muito em beleza. E o mundo que vale sem beleza? Sem amor? Uma e outra, de hábeis mãos, são as nossas bordadeiras. Mais beleza que salta das suas mãos. Apesar de aparentemente inúteis não têm um momento livre.

A nossa riqueza está precisamente naquilo que os outros menosprezam.

PADRE BAPTISTA

Agua Lisboa

«Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão, em nossas casas, com o suor do seu rosto», eis a norma legada por Pai Américo. A ceifa do trigo começou, o corte da erva continua, a colheita da batata aproxima-se, outros trabalhos do campo requerem o cuidado dos Rapazes; nas oficinas a actividade continua. Há azáfama e há alegria: «o trabalho deles, por mão deles, querido por eles é, ainda, a extinção lenta e sábia dos defeitos morais que os afligem». Para muita gentinha que por aí anda, pelas esquinas e pelos cafés, não seria de desejar escola idêntica?

SE me vires de «Opel Kadett» não te escandalizes. Amigo, que se quer esconder no anonimato, acorreu ao apelo aqui lançado e ofereceu esse precioso instrumento de trabalho, ao serviço dos Rapazes e dos Pobres.

AS obras da nova aldeia vão começar. A primeira casa a construir é a Escola. Ao lado do pão e da cama, do vestir e do calçar, segue a instrução e a formação dos Rapazes. Partimos do zero, em fundos e não demos conta que alguém se haja explicado em relação ao apelo já feito. Não duvidamos, porém; temos fé. Contamos, para já, com o esforço dos nossos, numa casa onde todos trabalham, aguardando entretanto, a procura de melhores que hão-de alimentar a aquisição do cimento, dos tijolos e dos demais materiais indispensáveis.

TEMOS sido visitados por alunos e professores de vários estabelecimentos de ensino. Agrada-me este tipo de visitantes, sobretudo quando nos surpreendem em plena actividade, dado que ao domingo uma Casa do Gaiato pouco mostra o que é. Cremos que aqueles que chegam, para lá dos nossos limites e imperfeições, podem partir mais ricos ao contacto com uma casa pobre, onde não se encontram artificialismos mas apenas naturalidade no viver.

TEMOS comido, com relativa frequência, ovos das «nossas» galinhas. Alegrem-me os possessivos, no plural, na boca dos Rapazes. É sintoma de posse. De resto, tudo o que aqui se faz é deles, para eles ou por eles. «As nossas galinhas estão a pôr bem, mas precisamos duma chocadeira a gás, para termos febras e mais ovos», eis a declaração escrita do chefe. Ao teu despacho remeto tal pretensão...

A nossa condição de pedintes tem-nos levado aos púlpitos das igrejas de Lisboa. Em altura oportuna te diremos os resultados materiais; dos frutos da doutrina só a Deus pertence conhecer. Damos graças pelo acolhimento recebido.

No outro dia falámos numa paróquia muito pobre. Quisemos deixar ao respectivo Pároco a quantia considerada como normal nos peditórios dominicais.

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Campanha do selo — Muitos recebidos mas muitos mais poderíamos receber.

Tu, amigo leitor, não terás por casa, no escritório, junto com papeis, vários selos de que não te lembrares? Ou que sobrem da tua colecção? Eu ia mais longe! Esses. Nessa colecção que tu outrora tanto entusiasmo tiveste, e hoje está arrumada a um canto da tua gaveta. E ela fazia-nos cá um jeito, um jeito!

Faltam-nos tantos escudos para pagar a máquina! Só com a vossa generosa ajuda o poderemos fazer. Vê lá amigo!

A campanha, que tanto entusiasmo teve nas primeiras quinzenas, hoje quase que morre!

Não a deixes tu, bom amigo, morrer sem teres cumprido a tua missão: ajuda a pagar a máquina.

Vários temos recebido. Uns, entregues aos vendedores, outros no Montepio e em Paço de Sousa e no Tojal. Isto é, acima de tudo, onde podes deixar as tuas encomendas, e elas cá virão parar.

Nós contamos com a tua generosidade.

Recebemos de Paço de Sousa, as seguintes encomendas:

Margarida Pombeiro, Maria Matos Correia Dias, assinante n.º 10327. No Montepio foram entregues as simpáticas encomendas de Mercedes Marques de Figueiredo, Consul de Portugal, Laura Guimarães, com mais, e de Pereira & Nunes L. da José Gonçalves Castelo; mais do Montepio, de José Pereira da Cruz; outros de Beirão e Lisboa, de Virgílio Branco.

Abre o Tojal: João Avelino Serra com três encomendas; também de Alfacinha de gema, agradecemos as suas palavras. Mais selos, com uma carta muito simpática, de Miss B. B. Reis.

Dos assinantes, n.º 29854 e 10855 por intermédio da Senhora Ana Maria Pereira. Recebemos 6 cartas de Vitorino de Almeida, mais da Tranquilidade, e de dois alunos finalistas da Escola Veiga Beirão. Outros tantos de Dr. Herminio Laborinho, mais da sempre gentil Mobil Oil Portuguesa e mais da assinante n.º 29445 e da Gazcidla. Da Senhora D. Alice de Moscavide e 20\$00.

Pela «Senhora das quintas-feiras» recebemos uma ótima encomenda de 500 gm do Senhor Oliveira.

Bem hajam todos os nossos bons Amigos.

Nós esperamos por vós. E Deus dar-vos-á cem por um.

António Anjos

Lar do Porto

Para melhor organização foi nomeado chefe do Lar o nosso Augusto. Levou-o a ser admitido, a sua competência. E porque o conhecemos bem e sempre quis ser bom colega e cordeal amigo, acreditamos que o Augusto saberá desempenhar condignamente o lugar que hoje mui conscienciosamente ocupa.

Também dois colegas de Paço de Sousa vieram habitar este lar;

são eles o Fernando e o José Ferreira (Pardal).

Ambos se empregaram em casas tipográficas onde conseguiram boa colocação e têm como patrões óptimos amigos da nossa Obra.

Conferência — E porque Deus não quis abrir-vos os corações desde o último apelo, a nossa Conferência continua a andar com a ponta de um só pé. Não paramos de atender os nossos irmãos, que sempre confiaram na nossa boa vontade, e, então, surgiu a necessidade de reduzir as dádivas em dez escudos cada. O que dávamos era um mínimo, mas para que desse uma migalha a cada um, surgiu proceder-se assim. Podeis acreditar que é aflitivo o caso presente; no entanto, nesta incandescência de amor, não faltam as costumadas presenças dos subscritores e da tão generosa ajuda de «Uma Maria» que todos os meses entrega à porta 5\$00.

A Conferência, hoje como sempre, precisa da vossa ajuda; não fecheis as mãos de cansaço porque ajudar o semelhante não cansa — alimenta.

A senhora Júlia foi-me legada pelo Francisco. É uma pobre rica de amor pelos nossos restantes pobres. E com verdadeiro entusiasmo me fala sobre eles e me pergunta interessadamente tudo com minuciosidade. Ela tem andado doente, ora das vistas, ora dos pulmões, que já tanto a têm martirizado. E quando lhe fui entregue como seu novo confrade, ela disse-me — Orlando, eu confio em si. Tem razão; pode confiar em mim e, com todo o direito, deixai-me dizer-vos em nome da Conferência do Lar do Porto: eu confio em vós, queridos leitores.

Orlando

Benguela

Piquenique — Num domingo destes, lindo, cheio de sol, decidimos sair às dez horas. A comida preparada do dia anterior, e lá fomos. Aonde havia de ser? Caota! Lá chegámos e fomos tomar banho. Quando demos pela hora, já era tempo de almoçar. Sr.ª D. Rosa serviu o comer que graças a Deus chega sempre. Só às vezes quando o Moreira se lembra de atacar o prato é que não chega. Tiraram-se fotos, mas, não se sabe se ficaram boas. Vamos ver.

No fim do almoço descansámos até às três horas, para que quando elas passassem tomarmos o respectivo banho. Eis que chegou a hora! Tudo se queria atirar de uma ponte velha que lá há. Diziamos: Anda depressa! Sai daí que eu também me quero atirar! Agora sou eu!...

No fim foi o melhor. Como havia algum frio, alguns já se tinham vestido. Mas há um destes que empurra um outro de calção, e este último se agarra a ele e caem os dois na água. Pois, Sr. Mota Lemos, se para a outra vez não queres cair, não empurres o outro.

E assim se passou um domingo que apetece passar muitos iguais.

Cozinheiros — Estes lembraram-se de aparecer na cozinha embriagados. Mas como não é a primeira nem a segunda vez que isto aconteceu, foram de castigo alguns dias. Agora dois dos



Mais um neto da nossa Obra filho do Manuel Costa, o «Lisboa».

nossos fazem a vez deles. E não estão a dar mal. São eles o Carlos do «peixe» e o Carlos Pinto.

Futebol — A equipa que nos queria defrontar, teve que vir noutra dia porque não tínhamos calçado. Como vinham de botas, dissemos-lhes que não podíamos jogar porque alguns jogam descalços. Concordaram. E ainda mais! Quando cá viessem traziam-nos alguns pares. Muito obrigados.

João Evangelista

×

PAÇO DE SOUSA

Estava no escritório falando com o Júlio Mendes, quando entra a Emília, sua esposa, com a notícia de que «o nosso Américo respondeu como um papagaio às perguntas do exame da Catequese».

Américo é o filho mais velho do Júlio. Na passada Quinta-feira, (Corpo de Deus), fez a sua primeira Comunhão.

— Então Américo estás contente!
— Estou. Fiz a primeira Comu-

nhão e estreei uma camisa, três vezes!

— Três vezes?!
— Não é três vezes, filho, atalha a Emília.

— Então? — pergunta o Américo.
— É T. V.!
— Achei graça. Dei os parabéns ao Américo e despedi-me...

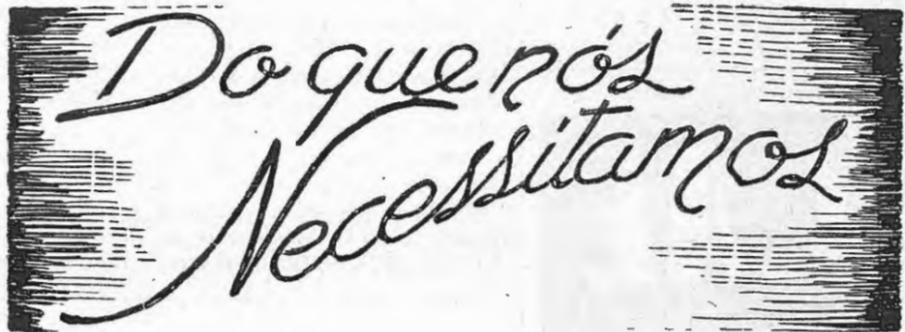
Os Senhores desculpem a nossa insistência em pedidos. Como precisar é necessitar lá vai!...

Se bem se lembram os nossos amigos, pedimos não há muito tempo, livros adequados para o 1.º e 2.º ano dos Liceus. Vieram alguns, os quais já agradecemos. Agora não se trata de livros, mas sim de estojos para desenho. Precisamos de 7 estojos. Tantos quantos os estudantes. Se vierem mais...

Apelamos principalmente para todos quantos estudam. Se tiverem alguns e que não façam uso deles, façam o favor de no-los enviar! Desde já o nosso muito obrigado.

Fausto Teixeira

Continuação da segunda página



de Coimbra, 450\$. De donativos obtidos na sala dos Sargentos do R. C. 7, 40\$. «Envio 20\$ para a vossa Obra. De uma Noiva, para que peçam a Deus que a faça feliz. Manuela». Roupas, selos e 20\$00, de uma professora primária que pede orações. Do Seminário dos Olivais, 50\$. Coimbra, 20\$ e 220\$. Porto com 50\$00, 20\$, 50\$, 200\$, 100\$, 25\$, 50\$ e tudo o mais que depositam no Espelho da Moda, onde a amizade que nos dedicam não tem limites.

«500\$ para as vossas necessidades, que são muitas, não esquecendo as «Areias do Cavaco» do Padre Manuel António. Quando puderem rezem por alma de Francisco Fernandes Guimarães. Do ass. 2957». Por intermédio do «Comércio

do Porto», 200\$. De Newark, 2 dollares. Mais escolas. De Caramos, Felgueiras, 101\$00. De Matozinhos, 90\$. «Em comemoração de um 20 de Maio», 100\$00. Anónimo do dia 3, com 20\$00. Da comissão organizadora da visita Pascal ao mercado do Bolhão, 400\$00. E cá está quem nunca falta. É a Avó de Moscavide, com a presença costumada e mensal e muito carinho por nós. Anónimo de Castelo Branco, com 100\$. De Vieira de Leiria, a União Tomé Feteira, generosa como sempre, ofertou-nos um pacote de limas para a serra-lharia.

A assinante 19180, de Gemena — Congo, enviou-nos 100\$ e «juntem as vossas às minhas orações, para que Nossa Senhora se digne obter do Seu

Divino Filho a graça da nossa retirada definitiva deste Congo que se tornou maldito e aonde é impossível viver». Sim, também nós pedimos a Paz para o Mundo de hoje. Mais 100\$ de assinante de Ilhavo. E três mil escudos da R. Honório Lima, do Porto, dum assinante muito querido. Do Grupo excursionista do Ilheu — «Bota a Fugir», 50\$. Mais do Grupo «Os 20 Estrelas de S. Lázaro», 520\$, em comemoração do X aniversário da fundação deste Grupo.

E terminamos com uma carta de Castelo Branco:

«Voltei a atrasar-me no envio da minha pequena contribuição pelo que peço imensa desculpa.

Embora não goste de falar de mim, sinto que desta vez o devo fazer para vos proporcionar uma pequena compensação para os enormes esforços que haveis certamente de fazer na vossa obra de apostolado e inteira devoção ao serviço do próximo por Cristo.

Depois de longos anos de separação voltei a encontrá-lo nesta Páscoa, ressuscitando com Ele, no próprio Domingo da Ressurreição.

Quando comecei inquieta a procurá-lo foi em vós que O vi. Isto queria e devia dizer-vos e agradecer-vos o bem que através de vós recebi.

Seja louvado o Senhor que pôs nas minhas mãos o vosso jornal e tão claramente se me manifestou através da vossa Obra.

Uma amiga da Obra da Rua».

Manuel Pinto

ORDINS

Como é já do conhecimento de todos os leitores, de novo, este ano, se vai realizar mais uma visita aos jardins das tecedeiras. Que alegria, não seria para elas, se pudessemos, com algum donativo, distinguir aquela,

ou aquelas, que mais se esforçaram no alindamento do seu jardim!... Serviria, também, esta distinção, para estímulo daquelas mais descuidadas, que sempre aparecem. Mas isto, Amigos, só é possível com a vossa

colaboração, tanto mais que, depois do Natal, começam as «férias forçadas» para as pobres tecedeiras. Não desanimem, confio em Deus, e nos vossos generosos corações.

M. A.

